

PRÁTICAS DE LEITURA E DE LETRAMENTO

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas¹

Juliana Macedo Silva²

Isabella Galvão Cardoso³

Nayara Porto Ferreira⁴

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados das experiências de trabalho com as práticas de leitura, de contato com a literatura e com o letramento, práticas vivenciadas por meio da execução de um Subprojeto do PIBID em Letras, desenvolvido no Colégio Estadual Américo Borges, no município de Anápolis. Com o objetivo de trabalhar práticas de leitura, de escrita e de letramento literário com alunos da Educação Básica do colégio mencionado, foram realizados estudos e atividades relacionados a essas práticas e eventos. O resultado do trabalho desenvolvido mostra que o ambiente escolar, com sua realidade dinâmica, é bem mais real e menos impactante do que pressupunhamos que fosse.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Letramento.

Introdução

Este texto tem por finalidade descrever as experiências vivenciadas durante a realização das atividades praticadas tanto em sala de aula quanto fora dela, por meio do desenvolvimento de um Subprojeto PIBID em Letras. Os encontros com os alunos do colégio selecionado foram realizados no período vespertino, portanto, no contra turno das suas aulas.

Como o colégio selecionado, o Colégio Estadual Américo Borges, situa-se numa localidade de certa forma carente, as atividades buscaram resgatar nos alunos envolvidos o resgate da noção de sua cidadania, por meio do desenvolvimento de atividades de leitura, de escrita e de práticas e eventos de letramento, por entendermos que, para situar-se em seu momento histórico-social de modo consciente, não basta a pessoa ser alfabetizada, mas ela deve ser também letrada (SOARES, 2003), ou seja, deve saber ler e interpretar os sentidos explícitos e subjacentes de todos os textos – escritos ou não – com os quais interagem, em seu cotidiano.

¹ Prof. Coordenador de área de subprojeto.

² Aluna bolsista.

³ Aluna bolsista.

⁴ Aluna bolsista.

Nesse sentido, as atividades circunstanciadas no Subprojeto vieram ao encontro das necessidades da clientela escolar, já que pressupunham o contato com uma multiplicidade de textos por meio de cuja análise o indivíduo pode ter sua habilidade de ler/interpretar estimulada e desenvolvida.

Desenvolvimento

Num primeiro momento, nos reuníamos com o coordenador de área do projeto e a professora supervisora nas dependências da UEG, a fim de debatermos estratégias de ensino e também para lermos/estudarmos as leituras teóricas sugeridas, que funcionaram como estofo e base teórica e conceitual de nosso trabalho em sala de aula.

Tais leituras foram válidas na medida em que, a partir delas, houve a possibilidade de se subsidiarem explanações sobre o conteúdo abordado nas aulas. Não obstante, nosso desafio foi superar a distância entre a teoria e a prática, na verdade, um desafio que não julgamos completamente superado, haja vista que ainda temos tentado nos aprimorar mais nesse aspecto.

Em nosso trabalho, ganhou importância o significado do termo Letramento. Convém, por isso, discorrer um pouco sobre o horizonte crítico que temos em mente quando tratamos, tanto teórica quanto pragmaticamente, desse termo, que pode ser definido como “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 1998: 72). Segundo a autora, a escola, por si só, se preocupa mais com um tipo de prática de letramento mais voltada apenas à alfabetização e aos processos de aquisição conteudistas.

Considerando essa realidade apontada por Magda Soares, o objetivo do nosso trabalho foi, em todos os momentos, fugir a essa tendência curricular e trazer para o ambiente escolar uma prática de leitura e escrita mais contextualizada em relação ao universo dos estudantes, sem o que a realização de nosso trabalho poderia ser prejudicada.

No início do segundo semestre de 2012, iniciamos as atividades do subprojeto trabalhando com o material didático *Para Gostar de Ler e Escrever* (2000) de Carlos Faraco e Francisco Moura, o qual proporcionou o desdobramento de práticas de produções e reflexões textuais pelos estudantes de forma simples e eficiente. Por meio deste material, conseguimos trabalhar diferentes contextos durante as atividades, desenvolvendo e incentivando a leitura e

a escrita de forma bem tranquila e receptiva. Chamou-nos atenção, nesse aspecto, o interesse dos alunos participantes. Acreditamos que, como as atividades foram realizados no contra turno das aulas, somente aqueles de fato interessados em ter sua performance textual aprimorada é que de fato participaram.

A primeira experiência proposta aos alunos foi a da reflexão acerca das palavras, mostrar que a palavra é muito mais do que apenas o seu significado, e, a partir disso, fazê-los construir o seu próprio valor apreciativo dos sons, das grafias, e até do possível despertar dos sentidos (olfato, paladar, visão, tato, audição).

A atividade consistiu em escrevermos, no quadro, uma palavra de sentido desconhecido, e as discussões se iniciavam com os possíveis (e impossíveis) sentidos que ela poderia ter, a partir de sua grafia, da sonoridade de sua pronúncia, etc. Ao discutirmos com os alunos sobre esses (im)possíveis significados, surgiram algumas palavras de que eles gostaram, outras cujo significado eles nem imaginavam, mas tentaram adivinhar e ficaram surpresos em ver se estavam certos ou errados ao olhar no dicionário. Despertamos essa curiosidade para que pudessem, desse modo, saber utilizar de forma mais adequada as palavras em variadas combinações e contextos, e ter a consciência, concreta, de que a utilização de uma palavra em um texto, escrito ou falado, pode fazer toda a diferença.

Ainda acerca do tratamento dispensado às palavras, introduzimos a história de Helen Keller – deficiente auditiva e visual que tinha dificuldades de se comunicar – mas que, ao receber a educação da comunicação pelo tato, por sua professora Anne Sullivan, aprendeu a falar, e também a ler e a escrever em braille. A partir do descobrimento de um novo mundo por meio da comunicação e de muito esforço e determinação, graduou-se em Filosofia, escreveu várias publicações nesta área e conheceu vários ícones políticos e sociais de sua época. Inspirando-nos na experiência de Hellen Keller, levamos os alunos a refletir e a discutir sobre a importância e a amplitude da leitura e comunicação, trabalhando, assim, com os conceitos de Leitura de Mundo, defendidas por Paulo Freire (1997). Dessa forma, trabalhamos uma forma mais forte de letramento, a visão paulo-freiriana, “na medida que colaboraria não para a adaptação do cidadão às exigências sociais, mas para o resgate da auto-estima, para a construção de identidades fortes” (ROJO, 2009: 25).

Após essas atividades, partimos para o estudo da narrativa oral e escrita. O observado foi que esta é uma das tipologias textuais mais bem acolhidas por nossos estudantes adolescentes. Em um dos encontros trabalhamos a leitura em voz alta do conto “O

primeiro beijo” de Clarice Lispector, em seguida foi solicitada a produção de um conto com o mesmo tema. Ao lerem sua própria criação para o grupo o redator, os alunos ganhavam consciência da sua criatividade e da proximidade pessoal que a produção propunha. Observe-se que alguns alunos se sentiram tímidos ao falar sobre “o primeiro beijo” e perguntaram se deveria ser real ou fictício, porém a produção era livre e não precisava ser histórias reais. Ainda no contexto desse tema, trabalhamos com uma outra atividade em que os alunos deveriam completar histórias (ou seu começo, ou meio ou o fim), atividade que proporcionou uma liberdade maior aos alunos, no sentido de se dar a direção que quisesse à história. Houve então vários resultados divertidos, misteriosos e de terror, o que gerou um ambiente descontraído.

Pudemos notar, ainda, que se desvinculou, neste momento, a ideia de que o exercício de redigir um texto é sempre chato, cansativo, estéril e de contextualização distante da realidade vivida por eles. Acreditamos que, como os alunos não eram avaliados, não havendo, portanto, a atribuição de notas às suas atividades, isso pode ter influenciado de forma positiva, fazendo com que eles se sentissem mais confortáveis durante a realização das atividades propostas.

Em um terceiro momento, os alunos puderam reconhecer e posteriormente produzir textos do tipo dissertação argumentativa e expositiva, quando explicamos os conceitos e trabalhamos com produções textuais durante alguns encontros. Logo após entramos no tópico “descrição”, e uma das atividades em sala teve repercussão muito positiva. Os alunos deveriam descrever um objeto dentro da figura de uma caixa de presentes, usando livremente sua imaginação; o resultado foram produções que estimularam muito a criatividade dos alunos.

Já próximo às provas de vestibulares e ENEM, debatemos sobre os temas e estruturas de um texto dissertativo, em continuidade passou-se para a confecção de um artigo de opinião e apresentamos aos alunos uma coletânea de artigos de opinião como “O conto de fadas mudou” (texto adaptado, *Revista Época*, de 29 nov. 2004); “Reportagem do Fantástico”; e “Baleias não me emocionam”, de Lya Luft. Ao analisarem escolherem um dos temas propostos, os alunos escreveram seu próprio artigo de opinião e fizemos a correção de um dos artigos no quadro negro tal qual uma “correção expositiva”, sem revelar a identidade do autor do texto, atividade previamente treinada na UEG. Esse tipo de correção evita constrangimentos (não se revela a autoria do texto selecionado) e faz com que os resultados

sejam positivos porque, deste modo, os alunos ficaram contentes com este novo jeito de corrigir um texto ao qual eles têm acesso ao processo de julgar e modificar os textos escritos por eles mesmos.

Apesar de termos conquistado um bom desempenho dos alunos, sentimos a necessidade de desafiá-los com produções poéticas, portanto, partindo da estética do Romantismo, no que diz respeito às três gerações românticas (indianista, mal-do-século e condoreira), os alunos escreveram poemas visando e se inspirando em uma das estéticas românticas de sua livre escolha. Aproveitando o gancho da poesia, trabalhamos também sobre a música, mostrando o quão próximo algumas composições musicais estão da poesia, discutindo sobre as novas músicas que estão em alta, comparando-as com as produções musicais de outras épocas, revisando a importância de culturas não valorizadas ou por serem consideradas “inferiores” ou por serem consideradas “superiores”.

Já no início das atividades do primeiro semestre de 2013, focamos mais no letramento literário e multimidiático (COSSON, 2011). Trabalhamos primeiramente a leitura de *Dom Casmurro* de Machado de Assis e, paralelamente, assistindo e analisando à minissérie *Capitu* (2008), de Luiz Fernando Carvalho. Propomos essa atividade para mostrar aos alunos as diferenças entre adaptações de produções literárias e o audiovisual, e, também, para mostrar a eles que Machado de Assis, considerado difícil por muitos estudantes, é mais atual e fácil de compreender do que parece. Um resultado muito positivo foi que, com o desenrolar das leituras e dos capítulos da minissérie, os alunos começaram a se interessar pela história e a perceberem por si mesmos as diferenças entre a adaptação e a obra literária, achando interessante como um capítulo inteiro de várias páginas pode se resumir a poucos segundos quando adaptada ao audiovisual, e vice-versa.

Ao desfecho dessa atividade, trabalhamos o texto “A infância termina, a brincadeira não” de Fabrício Carpinejar, tendo sido uma experiência bastante prazerosa, pelo fato de os alunos terem se interessado muito pelos temas que o texto trata de sentar e discutir sobre tudo com bastante discernimento e impondo bem sobre opiniões pessoais e coletivas.

No intuito de trazer novidades aos encontros do Subprojeto em Letras/UEG, propomos trabalhar sobre o tema das histórias em quadrinhos. Trouxemos aos estudantes a história desta vertente literária moderna, que é muito aceita pelos adolescentes. Além de contar brevemente as histórias das principais personagens das HQ's, também mostramos as diferenças entre quadrinhos, tirinhas, *cartoons* e mangás. Ao final da atividade, encerramos o

semestre com uma oficina de criação de quadrinhos como forma de incentivo à produção e à criação individual.

No ano de 2013 também criamos um *blog*, para que pudéssemos estar mais próximos dos nossos alunos. A repercussão do *blog* tem sido positiva, embora os alunos do colégio ainda não tenham participado como autores, tal como pressupunhamos. Essas atividades pautaram-se pela noção de que, atualmente, as mídias digitais têm tido grande espaço no cotidiano dos nossos alunos e, portanto, seria uma forma de nos aproximarmos de sua realidade mais próxima. O desafio que se nos mostrou, e que não havíamos previsto, foi no sentido de estimular a criação de postagens pelos próprios alunos.

Conclusão

Toda a experiência obtida através do Subprojeto em Letras/UEG nos mostra os desafios que a docência exige: do dia-a-dia em sala de aula, do planejamento, dos objetivos a serem alcançados, dos elementos-surpresa que o ambiente escolar proporciona. Nesse sentido, vale destacar que a experiência vivenciada por meio da realização das atividades aqui resumidas nos fez mergulhar de uma forma muito mais profunda na docência do que o próprio estágio, preparando-nos, desse modo, para o exercício da docência de uma forma muito mais próxima dos alunos, que estão em uma fase de formação essencial em suas vidas.

Como afirma Roxane Rojo (2009), o letramento escolar deve ser voltado para várias formas de leitura e escrita, englobando a leitura de redações, resenhas, ou seja, de variadas formas textuais, a fim de que os eventos de letramento sejam ampliados e democratizados, ou seja, as práticas de letramento, por meio do contato com os mais variados tipos de texto, devem servir para preparar o educando para a vida, a fim de que ela possa, de fato, ser sujeito de suas ações e de sua história.

Nesse sentido, nosso desafio se encontra exatamente em transformar as nossas atividades em ações de letramento democrático no ambiente escolar, isto é, em trazer algo a mais – e mais profundo – do que aquilo que já é visto em sala de aula. As atividades realizadas até aqui foram satisfatórias, uma vez que nossos alunos nos deixaram contentes por superar nossas expectativas. Foi bom, também, termos nos dado conta de que a docência é muito mais do que só repassar um conteúdo no quadro: é ser um tipo de guia, de alguém que descortina novas realidades.

Referências

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **Histórias em quadrinhos**: teoria e prática. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CARPINEJAR, Fabrício. **A infância termina, a brincadeira não**. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI3288-15563,00.html>. Acesso em:

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2004. 26 mar. 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. **Para Gostar de Escrever**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 35. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. Escala Educacional: São Paulo, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.